



**EDUCAÇÃO SEXUAL: PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE HOMENS EM  
DISFUNÇÕES SEXUAIS E PROCESSO DE RUPTURA DA PERSONIFICAÇÃO DA  
MASCULINIDADE**

**Saúde**

**Déborah G. Silveira<sup>1</sup>**

**Maria E. Calliari<sup>2</sup>**

**Amanda C. da Silva<sup>3</sup>**

**Rafael da S. Cezar<sup>4</sup>**

**RESUMO:** A sexualidade é um componente inerente à vida de todos os seres humanos, desenvolvendo-se em um processo contínuo, que se inicia antes mesmo do nascimento e só se encerra com a morte. Apesar de grandes avanços sobre a discussão do tema pela sociedade, sexualidade e gênero nas escolas, entre docentes, gestores e discentes, ainda acontece de forma insatisfatória e incompleta, uma vez que a ocorrência de dúvidas, mitos, e ideias pré-estabelecidas se mantêm, não encontrando espaço para discussão. Para os homens o domínio mais prejudicado nesta forma errônea de “formação sexual” refere-se à expressão de sensualidade masculina, indicando a dificuldade do homem em se envolver intimamente com a parceira(o) no que se refere ao jogo erótico. Em razão da preocupação com o desempenho sexual, o medo do fracasso, o receio de novas frustrações, homens acabam por desenvolver disfunções eréteis, sofrem prejuízos em sua autoestima e em sua autoconfiança. Com isso o objetivo deste artigo foi investigar a situação socioeconômica, escolaridade e estado civil de homens que manifestaram dificuldades sexuais nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia, amostra formada por 182 homens que buscaram voluntariamente ajuda para obter maior êxito e recuperação da sua autoestima sexual. Com tudo, concluímos que o estado que apresentou melhores índices educacionais foi o que apresentou indivíduos mais pró-ativos em resolução de suas dificuldades, evidenciando assim a importância de uma educação de qualidade e o papel importante do educador.

Palavras Chaves: Sexualidade. Educação Sexual. Disfunções Sexuais. Masculinidade.

## **1. INTRODUÇÃO**

A sexualidade é um componente inerente à vida de todos os seres humanos, desenvolvendo-se em um processo contínuo, que se inicia antes mesmo do nascimento e só se encerra com a morte. A estruturação da sexualidade se dá sobre os aspectos biopsicossociais de cada indivíduo, abrangendo seu potencial biológico, suas emoções, sentimentos, crenças e concepções desenvolvidas, ampliadas e modificadas durante todo o processo de socialização. (Romualdo, 2014)

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Coordenadora de Psicologia DrPocket – [deborahqouart.psi@gmail.com](mailto:deborahqouart.psi@gmail.com) <sup>2</sup> Publicitária com MBA em gestão comercial, graduanda em Psicologia, Gestão estratégica DrPocket - [mariaeduardacalliari@gmail.com](mailto:mariaeduardacalliari@gmail.com) <sup>3</sup> Graduanda em Enfermagem, UNISUL- [madh.aa@hotmail.com](mailto:madh.aa@hotmail.com), <sup>4</sup> Biólogo, Mestre em Biologia Celular e Molecular Aplicada a Saúde, Coordenador Fisiológico DrPocket – [rafscezar@gmail.com](mailto:rafscezar@gmail.com)



As Temáticas que envolvem o assunto sexualidade são discutidas nas instituições de ensino básico (fundamental e médio) desde a década de 1920, mas a inclusão formal nos currículos se intensificou a partir do ano de 1970, com a lei que regulamentou as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, onde foi determinada a inclusão de programas de saúde e conteúdos relacionados à sexualidade e diversidade sexual humana no currículo escolar (Casemiro, 2014), mas mesmo com essa inclusão, os estudos sobre sexualidade tendem a continuar marginalizados dentro do espaço educacional, seja ele em âmbito da educação básica ou na educação superior. (Santos, 2015).

Segundo Rodhen (2013), apesar de grandes avanços sobre a discussão do tema pela sociedade, sexualidade e gênero nas escolas, entre docentes, gestores e discentes, ainda acontece de forma insatisfatória e incompleta, uma vez que a ocorrência de dúvidas, mitos, e ideias pré-estabelecidas se mantêm, levando o tema, na maioria das vezes, a ser tratado com a abordagem da reprodução biológica e riscos de doenças sexualmente transmissíveis, sem adentrar ao contexto psicossocial de suma importância para o desenvolvimento e educação sexual, tanto como para servir de base a vida sexual adulta ativa e feliz.

Existem diversos problemas que seriam os motivos que podem explicar o descaso no ensino sobre a sexualidade e diversidade sexual humana, que de princípio, o fato destes estudos serem encarados como “tabu”, pela dificuldade em abordá-los devido à diversidade de opiniões, o medo e o silenciamento dos professores ao falar sobre sexo, o que pode levá-los a serem repreendidos pelos gestores ou pais de seus alunos e também o vazio sobre a temática na formação de professores. (Santos, 2015)

Segundo Rufino (2013) no contexto educacional, a escola é considerada espaço potencial para socialização e troca de experiências e também reconhecida para trabalhar temas comportamentais, com isso, ainda assim, a escola acaba sendo o melhor local para proporcionar a educação sexual, pois permite desenvolver o conhecimento sobre questões de sexualidade e sanar diferentes dúvidas apresentadas pela maioria das crianças e adolescentes. Também é na escola que as habilidades pedagógicas contribuem para fixar a aprendizagem e as mudanças no cenário educacional de forma igualitária a todos (Correa, 2014).

Cabendo ao professor estar apto metodologicamente como também intelectualmente para trabalhar tais assuntos de forma imparcial e concisa, contudo muitos professores, diante de suas tentativas de acertar e oferecer um ensino de qualidade desenvolvem ações



descontextualizadas que contribuem com a aprendizagem dos alunos, mas não de maneira eficaz (Gomes 2015).

Segundo Gonçalves (2015) a maioria das adolescentes engravida entre o primeiro e sexto mês em que começam a ter relações sexuais, esse fato, muitas vezes, é consequência de atividade sexual não assistida, com a falta de informações, com o uso incorreto de contraceptivos.

Malta (2011) discutiu sobre uma pesquisa para conhecer a saúde das populações escolares, que foi realizada pela primeira vez no ano de 2009, que evidenciou um grande número de infectados com diferentes doenças sexualmente transmissíveis, como Sífilis, Condiloma acuminado (HPV), Clamídia, Gonorreia, AIDS entre outras, de forma significativa comparada ao estimado pelos Órgãos Federais.

Campos (2015) também exemplifica outra falha na discussão do tema sexualidade e diversidade sexual, em que há discussão apenas “biologizada” do sexo que foca apenas no modelo heterossexual como sendo o “normal” e “adequado”.

De acordo com Bortolini (2008) o professor não se sente apto a trabalhar com esses temas, como a homossexualidade e transexualidade em sala de aula e não sabem como agir em casos de alunos cuja orientação sexual diverge da heterossexual.

Com isso, afirma Chaveiro (2015) a maioria dos professores possui falta de experiência e necessidade de capacitação na temática sexualidade humana ou resistência em abordar o tema, concluindo-se que a temática sexualidade não está sendo trabalhada, de forma transversal, nas instituições de ensino conforme estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

A intervenção pedagógica em sexualidade deve estar voltada a atender as necessidades apresentadas, pautada na problematização e reflexões gerais que o tema necessita, desvinculando-se de crenças, tabus e valores pessoais, associada a uma postura ética em sua atuação (Gesser, 2012). No entanto, a grande lacuna está em considerar as dificuldades dos educadores em lidar com esta temática, destacando-se o norteamo por uma visão hegemônica da sexualidade e a necessidade de desenvolvimento de uma escuta ativa, livre de preconceitos e com capacidade de incentivar a cidadania de adolescentes e jovens, especialmente, aos direitos sexuais e reprodutivos (Chaveiro, 2015).

Nas pesquisas de Yared (2012) diversos educadores também relatam grande preconceito presente nas instituições de ensino, isso tem perpetuado diversas preocupações e



dúvidas sobre sexualidade oriundas dessas informações difusas e os indivíduos têm-se exposto à iniciação sexual sem o devido preparo (Montavani, 2015).

Rufino (2013) afirma que transcender a visão tecnicista e biologicista, ainda bastante presente na vida das pessoas e nos currículos escolares a respeito da sexualidade, é um grande desafio e acaba refletindo diretamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes em sua vida adulta.

Segundo Romualdo (2014) esse histórico de formação sexual precária ou incompleta acaba por formar adultos inatos a ter uma vida sexual saudável e feliz, já que ela é também uma parte intercomunicante de um indivíduo consigo mesmo e com aqueles com os quais se relaciona ao longo de sua vida, influenciando a sua maneira de ser e de se posicionar no mundo que o cerca tanto como em sua comunidade. Desde sua existência, o homem busca compreensão de sua sexualidade, fazendo com que nessa tortuosa culturalização desenvolvam diversos transtornos sexuais e gerando uma onda de medicamentação sexual e doenças associadas.

Segundo Fitonelli (2011), a função sexual foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde como um indicador de saúde e, conseqüentemente, a disfunção sexual passou a ser vista como um problema de saúde pública. É vasta a literatura sobre o impacto das doenças crônicas e seus tratamentos sobre a qualidade de vida e a função sexual de homens e mulheres, como depressão, quadros de ansiedade, insuficiência renal e câncer, quadros que são agravados ou agravam os transtornos sexuais.

Repetidas experiências negativas durante o encontro sexual, frustrações, decepções, cobranças explícitas ou veladas podem gerar temores e receios sobre as próximas relações sexuais. Compõe-se, assim, um quadro que pode levar à diminuição acentuada do desejo sexual (Monteiro, 2009) e, conseqüentemente, gerar insatisfação com o relacionamento sexual.

Quando referido a sexualidade masculina e feminina, segundo Cekarrelí (2013) uma consulta ainda que superficial da vasta bibliografia sobre a sexualidade feminina revela que raros são os textos sobre a sexualidade feminina que não seguem o falocentrismo. Sobre a sexualidade masculina, observa-se um inquietante silêncio, como se o fato de ter um pênis fosse por si só uma garantia de entendimento da sexualidade, ainda que o menino deva passar pelas fases do desenvolvimento com seus diversos percalços, a questão do “tornar-se homem”



nunca foi objeto de grandes temáticas ou discussões, como por exemplo, a questão da gestação ou a sexualidade feminina que é taxada de regras e pudores desde o nascimento.

Para os homens Segundo Diehl (2000) o domínio mais prejudicado nesta forma errônea de “formação sexual” refere-se à expressão de sensualidade masculina, indicando a dificuldade do homem em se envolver intimamente com a parceira(o) no que se refere ao jogo erótico, à exploração de diferentes formas de estimulação e de outras fontes de prazer, além do intercuro sexual, somando-se a esse quadro existe a dificuldade de comunicação com a/o parceira(o), principalmente perguntas sobre desejos e gostos dentro da relação sexual.

Em razão da preocupação com o desempenho sexual, o medo do fracasso, o receio de novas frustrações, homens acabam por desenvolver disfunções eréteis, sofrem prejuízos em sua autoestima e em sua autoconfiança, (Morales, 2005). Estes quadros desencadeiam diversos sentimentos como vergonha e ansiedade, induzindo à insatisfação com a relação sexual e à falta de intimidade com a(o) parceira(o), podendo culminar com o fim do relacionamento (Revicki 2008).

Segundo Ciconelli, 2008 e Soares, 2008, essas experiências negativas acabam se tornando somáticas, pois são levadas como algo incomum, impróprio e sem vazão para conversa e procura de auxílio profissional, atingindo diretamente a autoestima do indivíduo, gerando sequelas em seguintes aspectos: Aspectos sociais (Saúde física, relacionamentos sociais e familiares); aspectos emocionais (Interferência de problemas emocionais no cotidiano); Saúde mental (Humor e estado emocional).

Segundo Scorsolini (2010) hoje vivemos na era da sustentabilidade (social, econômica, financeira, ambiental), onde buscamos formas de retroalimentarmos nosso consumo, nossos recursos e nossas fontes de energia e de desenvolvimento, a fim de que não nos falem tais elementos no futuro.

A saúde é um dos fatores que está relacionado com os sistemas ambientais, econômicos e sociais, pois a ausência da mesma, impede o desenvolvimento de um sistema sustentável e com isso temos o início de um ciclo vicioso que contribui para o uso em excesso de recursos e degradação ambiental. A educação em sexualidade é fundamental para a saúde global, incluindo o bem-estar pessoal e social, uma vez que exige trabalhar não só com a ausência de doenças sexuais, disfunções sexuais ou gravidezes não planejadas, mas também com uma abordagem positiva da sexualidade, vivenciada nas relações interpessoais. (Vilaça, 2016)



## 2. OBJETIVO GERAL

Investigar a situação socioeconômica, escolaridade e estado civil de homens que manifestaram dificuldades sexuais e o quanto isso impacta em sua autoestima nos estados de São Paulo (SP), Rio Grande do Sul (RS) e Bahia (BA).

### 2.1 Objetivos Específicos:

- Esclarecer a média de tempo que o homem posterga a busca de auxílio quando afligido por problemas sexuais e o quanto isso impacta em sua autoestima em cada estado;
- Analisar o perfil sociodemográfico e econômico dos homens acometidos por dificuldades sexuais;
- Identificar a relação entre nível de escolaridade, índice econômico, estado civil e dificuldades sexuais de indivíduos em cada estado.

## 3. METODOLOGIA:

Trata-se de estudo transversal de natureza descritivo exploratório de abordagem quantitativa, realizado com homens que procuraram voluntariamente ajuda da Empresa Dr Pocket entre Abril e Maio de 2018.

Os homens preencheram uma pré-avaliação médica no Site DrPocket, (<https://www.drpocket.com.br/>), onde buscaram ajuda e orientação a respeito do que devem fazer para ter maior êxito e recuperar sua autoestima sexual. Após este preenchimento, o cadastro foi para uma equipe clínica multidisciplinar, composta por Médicos, Fisiologistas, Psicólogos, Nutricionistas e Educadores Sexuais, que avaliaram e lhe transmitiram o melhor para auxiliá-lo.

A amostra foi de 182 homens, dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia. As informações analisadas foram: o tempo em que a dificuldade persistiu até a busca de ajuda, idade, estado de residência, estado civil e nível em que esta dificuldade afeta sua autoestima e o convívio social, sendo mensurada em notas de 01, nunca, 02, raramente, 03, de vez em quando, 04 frequentemente e 05 sempre. Essas informações foram comparadas com índices de escolaridade, analfabetismo no Ministério da Educação - Indicadores Demográficos e Educacionais (<http://ide.mec.gov.br>), oportunidades da educação brasileira no Centro de Liderança Pública - Índice de Oportunidades da Educação Brasileira



(<http://www.ioeb.org.br/ranking>) e Atlas do Índice de Desenvolvimento humano em educação (<http://www.atlasbrasil.org.br>) através dos portais oficiais Governamentais.

Para a análise, os dados foram transcritos para documentos digitalizados e serão avaliados quantitativamente, levando como base o estudo de Minayo (2012). Foram compilados os dados encontrados e analisados de forma transversal entre os estados, faixas etárias e tempo com a dificuldade.

#### 4. RESULTADOS

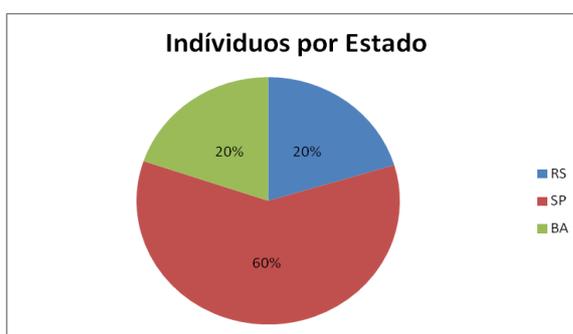


Gráfico 01: Mostra a divisão dos indivíduos estudados por estados brasileiros, que procuraram auxílio voluntariamente a empresa Dr Pocket no período de Abril e Maio de 2018, sendo os estados analisados, Rio Grande do Sul (RS), São Paulo (SP) e Bahia (BA). Fonte: Autores

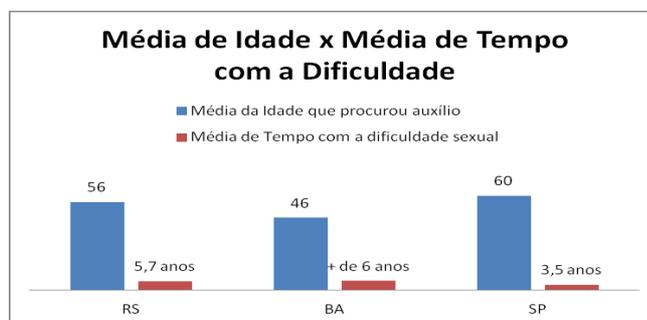


Gráfico 02: Apresenta a média de idade dos indivíduos que procuraram voluntariamente auxílio nos diferentes estados estudados e também a média de tempo que eles vêm passando por dificuldades sexuais. Fonte: Autores

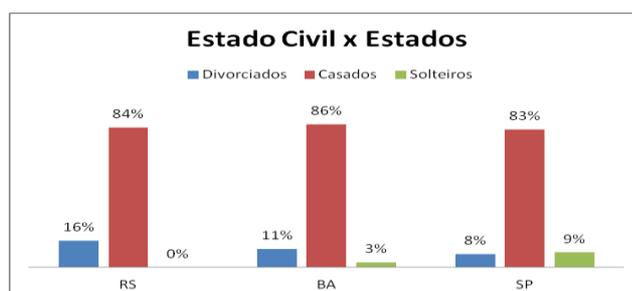


Gráfico 03: Apresenta a porcentagem de indivíduos de cada estado em diferentes estados civis, separando-os em divorciados, casados e solteiros. Fonte: Autores

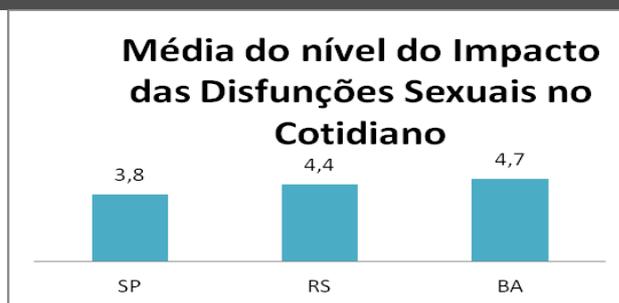


Gráfico 04: Apresenta o nível de impacto que as disfunções sexuais trazem no cotidiano dos indivíduos, sendo mensurada em notas de 01, nunca, 02, raramente, 03, de vez em quando, 04 frequentemente e 05 sempre. Fonte: Autores

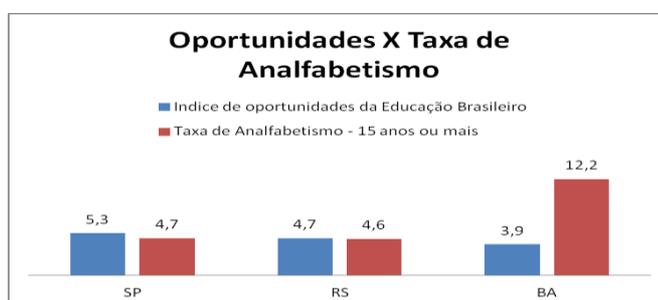


Gráfico 05: Apresenta o Índice de oportunidade da Educação Brasileira, realizando um comparativo ao índice de analfabetismo de cada estado. Fonte: Autores

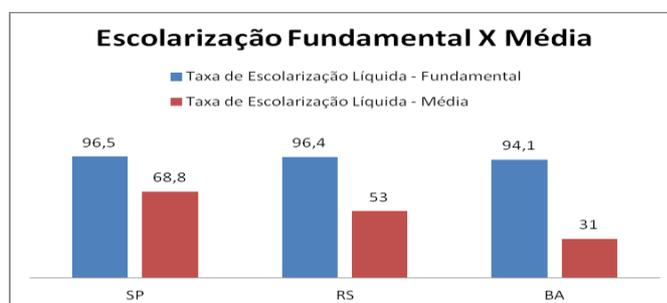


Gráfico 06: Taxa de escolaridade Líquida de escolarização de nível fundamental e médio de forma comparativa entre os estados estudados. Fonte: Autores

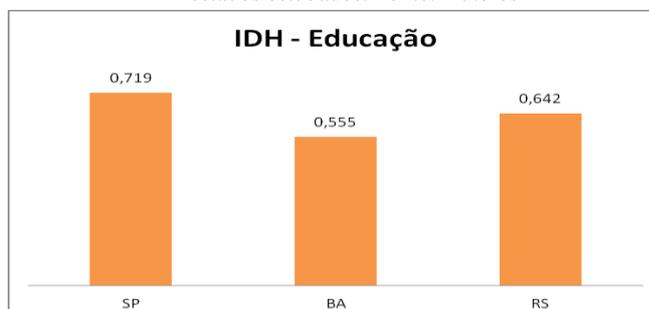


Gráfico 07: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em Educação dos três estados estudados. Fonte: Autores

## 5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES



O estado que apresentou mais relevância e procura de auxílio foi o estado de São Paulo, representando 60% dos indivíduos “estudados”, esta grande procura por auxílio profissional para ter uma vida sexual saudável se depara também com a menor média de tempo enfrentando a dificuldade sexual, uma média de 3,5 anos, tendo a maior procura e com isso tendo uma resolução na maioria dos casos mais rapidamente, já que não acabam por se agravar com o tempo. Outro dado que acaba correlacionada com o nível de impacto que estas dificuldades sexuais trazem aos indivíduos, tendo uma média de 3,8 a nota da frustração sentida nas experiências, categorizando um meio termo entre de vez em quando a frequentemente tendo este tipo de sentimento.

Quando comparado aos seus índices educacionais, o estado de São Paulo apresenta uma taxa de analfabetismo próximo ao estado do Rio Grande do Sul, tendo uma taxa de 4,7% e o Rio Grande do Sul 4,6%, porém possui o maior índice de oportunidades para a educação, a maior taxa de escolaridade dos estados estudados, tanto como a fundamental com 96,5% e 68,8% do ensino Médio e o maior IDH em educação totalizando 0,719.

O estado do Rio Grande do Sul aparece com 20% dos indivíduos, com o mesmo índice de relevância do estado da Bahia, tendo a idade média de procura por auxílio de 56 anos, tendo um tempo médio para procura de auxílio de 5,7 anos, e o nível do impacto dessa dificuldade em sua autoestima fica com o nível de 4,4 ficando presente frequentemente ou sempre em suas relações afetando sua autoestima, suas taxas de escolaridade quando comparadas aos diferentes estados acabam por obter médias mais altas que a maioria, alcançando 53% no ensino médio e 96,4% no ensino fundamental e IDH em educação 0,642.

O estado da Bahia possui a menor média de idade de indivíduos que procuram auxílio para algum tipo de problema sexual, de 46 anos, porém em contrapartida possui a maior média de tempo com a dificuldade, o que nos mostra que o desenvolvimento das disfunções sexuais começa mais cedo para estes indivíduos, a média do tempo que demoram a procurar auxílio é superior a 6 anos, e o nível do impacto dessa dificuldade em sua autoestima fica com o nível de 4,7, o maior entre os três estados, ficando próximo a estar presente sempre em suas relações. Junto a estes dados também encontramos a maior taxa de analfabetismo, com uma taxa de 12,2% e baixos índices de oportunidades na educação, de 3,9 além da menor taxa de escolarização fundamental, que é de 94,11% e média de 31% e IDH em educação, 0,555.

São Paulo apresenta o menor índice de divorciados, 8%, quando comparado aos índices da Bahia que é de 11% e 16% do Rio Grande do Sul, porém apresenta o maior índice



de solteiros, ficando em 9%, em contrapartida o Rio Grande do Sul não possui nenhum indivíduo do estudo que se autodeclare solteiro e a Bahia tem um índice de 3%, mostrando que o maior índice educacional carrega consigo um maior índice de aceitação em um relacionamento, ou maiores esclarecimentos próprios com as necessidades apresentadas ao perfil de cada indivíduo, seja um perfil monogâmico ou não.

Com isso concluímos que quando se há acesso à educação e oportunidades educacionais as pessoas tendem a ter maior discernimento e quebra de “tabus”, abrindo espaço para uma maior autonomia biopsicossocial, enfrentando barreiras internas e procurando mais rapidamente soluções para dificuldades encontradas na vida cotidiana e principalmente na vida sexual, que influencia o seu dia-a-dia com um todo.

Isso aumenta diretamente a sua qualidade de vida e a das pessoas a sua volta, pois a autoestima está ligada diretamente na capacidade de conviver em sociedade e conseguir estabelecer boas relações com familiares e pessoas próximas.

Outro fator importante é a prevenção indireta que estes atos de esclarecimentos fazem na trajetória dos discentes, pois evita diversos problemas futuros vinculados a transtornos causados por preconceitos e tabus enraizados a prática sexual, evitando quadros depressivos, ansiedade e de aceitação.

A educação Sexual inclui educar para diferentes possibilidades de experimentar o prazer, a intimidade sexual e as relações interpessoais, esses conhecimentos são expressos nas interações entre o corpo biológico e as relações de poder, nas manifestações de afeto ou violência e na desigualdade material existente nas práticas socioculturais que vivenciamos e que originam múltiplos corpos e sexualidades, formando assim cidadãos mais participativos e bem resolvidos, sendo parte importante de um sistema ecológico-social sustentável.

Com isso torna-se cada vez mais evidente o papel do educador como norteador de opiniões e responsáveis não só pela educação tradicional, mas também a educação oculta, acreditamos que iniciativas como essas, inteirando educadores trazem um enriquecimento imensurável para ambos os lados, tanto educadores como indivíduos que precisam de auxílio, além de transformar pensamentos e atitudes, colaborando para a formação de cidadãos mais responsáveis e conscientes.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATLAS. Do desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em:  
<<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 20 de junho de 2018, 16:05.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual. Brasília: SEF/MEC, 1997.:  
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual na escola. 1ª edição – Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.
- CAMPOS, Luciana Maria. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, n. 4, p. I-IV, 2015.
- CASEMIRO, Juliana Pereira; FONSECA, A. B. C.; SECCO, Fabio Vellozo Martins. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Cien Saude Colet**, v. 19, n. 3, p. 829-840, 2014.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Reflexões sobre a sexualidade masculina. **Reverso**, v. 35, n. 66, p. 83-92, 2013.
- CHAVEIRO, Laine Gomes et al. Análise da temática sexualidade no contexto escolar com professores da educação básica. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 16, n. 5, p. 690-698, 2015.
- CICONELLI, R. M., Ferraz, M. B., Santos, W., Meinão, I., & Quaresma, M. R. (1999). Galati, M. C. R. & cols. Sexualidade masculina e qualidade de vida Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, n. 2, p. 243-252, maio/agosto 2014 251 de qualidade de vida SF-36 (Brasil SF-36). **Rev. Bras. Reumatol.**, 39(3), 143-50
- CLP – Centro de Liderança Pública. **Índice de Oportunidades da Educação Brasileira**. Disponível em: <<http://www.ioeb.org.br/ranking>>. Acesso em: 20 de junho de 2018, 15:01.
- CORRÊA, Daniel Alves; CORRÊA, Danilo Alves. Utilização de Métodos Educativos com Adolescentes á Respeito da Sexualidade na Escola: uma Revisão Bibliográfica. **Rev. Bras. Ciên. Saúde/Revista de Atenção à Saúde**, v. 11, n. 38, p. 51-56, 2014.
- DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Qualitative analysis: theory, steps and reliability**. 2012.
- DIEHL J. A. (2000). A qualidade do funcionamento sexual de homens e mulheres. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil
- GESSER, Marivete et al. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Psicol. Esc. Educ**, v. 16, n. 2, p. 229-236, 2012.
- GOMES, Josélia. Trabalhando doenças sexualmente transmissíveis a partir de metodologias ativas de ensino. **Biblioteca virtual Univates, Trabalhos de conclusão de Curso**, 2015.
- GONÇALVES, Helen et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Rev Bras Epidemiol**, v. 18, n. 1, p. 25-41, 2015.
- JÚNIOR, Ítor Finotelli; CAPITÃO, Cláudio Garcia. Evidências de validade da versão brasileira da Escala de Autoeficácia Sexual-Função Erétil. **Psico-USF**, v. 16, n. 1, p. 45-55, 2011.



- LUCAS, Catarina Oliveira; OLIVEIRA, Cristina Maias; MONTEIRO, Maria Isabel Alves. Perturbação do desejo sexual hipotativo: prevalência, diagnóstico e tratamento. **Mudanças- Psicologia da Saúde**, v. 17, n. 2, p. 101-112, 2009.
- MALTA, Deborah Carvalho et al. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Rev Bras Epidemiol**, v. 14, n. 1, p. 147-56, 2011.
- MANTOVANI, G. D., Silva, R. M. M., & Tres, B. (2015). Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. *Revista Contexto & Educação*, 29(92), 72-90.
- MEC – Ministério da Educação. **Indicadores Demográficos e Educacionais**. Disponível em: <<http://ide.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 de junho de 2018, 15:31.
- MORALES, A., Rico, F. M., González, J. I. G., Anechina, L. R., & Font, M. M. (2005). Repercusiones psicológicas de la disfunción eréctil sobre la autoestima y autoconfianza. *Actas Urol. Esp.* 29 (5), 493-498
- REIVECKI D., Howard K., Hanlon J., Mannix S., Greene A., & Rothman M. (2008). Characterizing the burden of premature ejaculation from a patient and partner perspective: a multi-country qualitative analysis. *Health and Quality Life Outcomes*. 6, 33
- ROHDEN, Fabíola. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 157-174, 2013
- ROMUALDO GALATI, Maria Cristina et al. Sexualidade e qualidade de vida em homens com dificuldades sexuais. **Psico-USF**, v. 19, n. 2, 2014.
- RUFINO, Camila Borges et al. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 983-91, 2013.
- SANTOS, Wendel. O Discurso Sobre Sexualidade: formação em Ciências biológicas. **Alumni-Revista Discente da UNIABEU-ISSN 2318-3985**, v. 3, n. 6, p. 71-81, 2015.
- SCORSOLINI-COMIN, Fabio; DOS SANTOS, Manoel Antônio. Sustentabilidade dos afetos: Notas sobre a conjugalidade como dimensão de análise da família na contemporaneidade. **Psychologica**, p. 259-274, 2010.
- SOARES, D. A., Toledo, J. A. S., Santos, L. F., Lima, R. M.B., & Galdeano, L. E. (2008). **Qualidade de vida**.
- VILAÇA, Teresa. Dinâmicas das relações entre a educação para a saúde, educação ambiental e educação para a sustentabilidade nas escolas promotoras de saúde (2016).
- YARED, Yalin Brizola; LOCKS, Geraldo Augusto. EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: a compreensão de professoras de ciências e biologia sobre a diversidade sexual. **PerCursos**, v. 13, n. 2, p. 155-168, 2012.